

O topete do rei

FERNANDO PEDREIRA

Era uma vez um grande país, lá no Norte, cujo rei, ainda muito moço, era imprudente e mau, e logo foi deposto por seus súditos. Assumiu em seu lugar um novo rei, mais velho, bondoso e franco, que antes reinava num pequeno principado do interior, entre as montanhas.



O rei novo chegou à Capital carregado de boas intenções e cheio de pena diante do estado em que recebia o reino, submerso em dívidas e com a população mergulhada numa pobreza tão grande e tão triste que seu espetáculo incomodava até mesmo os mais ricos varões da corte, além de ser freqüente objeto de comprometedoras reportagens na imprensa do país e do Exterior.

Tendo o bondoso monarca subido ao trono, por coincidência, pouco antes do período das festas natalinas, sua primeira idéia foi encher um grande saco com benesses e presentes que pudessem ser logo distribuídos entre o povo, assim mitigando sua miséria. O saco do rei era amplo e nele cabiam consideráveis e excelentes providências, das quais as mais bem recebidas (e talvez as mais generosas) foram as que brotaram mais espontaneamente do coração real. O povo sofria de muitas doenças e o soberano mandou imediatamente cortar o preço dos remédios.

Mandou também, na mesma proclamação, que se anunciasse um próximo aumento do salário mínimo nacional de US\$ 50 para US\$ 100 por mês (em moeda local) e que se garantissem elevações gradativas desse patamar nos meses e anos seguintes do seu reinado. Voltava o monarca de

uma breve visita a uma nação africana amiga, e o que precipitou sua decisão foi o exemplo desses vizinhos (e primos) transoceânicos: "Se o Senegal paga a seus negros cem dólares por mês, por que não podemos fazer o mesmo com os nossos?", teria indagado ele.

A economia é a política, entretanto, obedecem a leis perversas, que nem sempre permitem aos governos dar consequência às suas melhores intenções. Entre o anúncio do novo salário mínimo (em dezembro) e sua vigência legal, pouco mais de um mês mais tarde, a moeda do reino desvalorizou-se tão depressa que os US\$ 100 (em cruzeiros), na hora de serem pagos aos operários, já se tinham tornado outra vez US\$ 50. E assim foram, uma a uma, as generosas posturas do saco real, perversamente consumidas pelo fogo da inflação, mal que há longos anos castigava o país e cujas malignas características escapavam à bondosa inteligência do rei.

Seu gesto corajoso, entretanto, calou no espírito do povo. "O rei é bom e cuida de nós", disseram os súditos. "Se essas primeiras medidas não surtiram grande efeito e, na verdade, foram até contraproducentes, pois aceleraram o desgaste da nossa moeda, outras medidas virão, com certeza mais hábeis e efetivas." O próprio rei, embora um tanto ferido pelo malogro inicial, não se intimidou: "Vou mexer nesse mercado financeiro", anunciou ele em seguida. E esta sua clara determinação fez com que mesmo seus piores críticos e adversários admitissem que, em verdade, não faltava topete ao novo rei.

Nessa mesma época, aliás, intrigado pelo persistente mistério da inflação, o monarca chamou a palácio, para consultas, um conhecido feiticeiro do Planalto, célebre por suas idéias heterodoxas. A comoção e o ciúme na corte foram tão intensos que levaram à renúncia um dos principais

membros do governo, o ministro Boêmio, autor de um famoso Decálogo e grande dançarino de frevo. Mas essa pequena crise e a renúncia do ministro, embora constrangedoras, não chegaram a abalar os princípios e determinações oficiais.

O tesoureiro do rei, seu velho amigo, o ulemá Haddad, homem hábil e competente, dotado de um simpático sotaque caipira, não demorou a acalmar os ânimos e devolver a serenidade ao palácio. Advertiu o ulemá que tudo está em bem compreender a essência do espírito maléfico da inflação. Esse espírito de tal modo se impregnou na economia e na alma do país que já não se pode tentar feri-lo de morte sem provocar grande sofrimento (e talvez um colapso) nas outras duas.

Não se pode, por exemplo, fazer hoje o que se fazia nos antigos rituais de exorcismo, e balançar a economia nacional sobre uma grande fogueira até que o calor e a fumaça expulsem do seu corpo o espírito daninho. Melhor é procurar entender o mecanismo interno da doença e aprender a fazê-lo funcionar de maneira menos perversa.

O ulemá Haddad é homem modesto, mas de muita fé. Na verdade, a deusa da inflação brasileira (como a Santíssima Trindade dos católicos) dividiu-se em três partes distintas para melhor alcançar seus objetivos. Ela hoje se manifesta, não só em si mesma, mas também por meio da fada da Correção Monetária e do seu acólito, o gênio dos Juros Positivos. Filha da inflação, a fada, embora tenha nascido para conter os efeitos perversos da voracidade de sua genitora, logo se tornou esteio e instrumento do próprio mal.

O que faz a fada da Correção? Sua varinha mágica protege os fortes contra os fracos; os ricos (e remediados) contra os pobres; os que têm contra os que não têm. Tudo seria, de fato, muito justo e equânime se a Correção

fosse sempre a mesma para todos e a todos acudisse com a mesma presteza. Mas não é assim, e nem pode ser, até porque o objetivo primeiro da Correção é proteger a Poupança contra o Consumo, especialmente o consumo dos mais pobres, dos que precisavam de crédito barato para viver e sobreviver.

Se um cidadão ganha, ponhamos, 40 milhões por mês e sua despesa forçada é de 10 milhões, ele pode investir a diferença no mercado financeiro e, assim, não só compensar o desgaste inflacionário sobre seu dinheiro, mas até obter uma boa renda extra. Mas, se o salário que a pessoa ganha, como ocorre com a imensa maioria do povo, mal dá para a despesa, então o remédio é seguir o conselho do ex-presidente João Figueiredo e dar um tiro na cabeça. Pois a Correção dos salários é mensal (ou trimestral), além de ser sempre inferior à taxa verdadeira da inflação, enquanto os preços, as dívidas (e o próprio dinheiro acumulado) são corrigidos todo dia e pagam ainda, de quebra, "saúdáveis" Juros Positivos...

Haverá na Terra inteira elitismo mais descarado e perverso? O ulemá Haddad coça a cabeça e cofia os bigodes. Para combater a Santíssima Trindade da Inflação será preciso ao bondoso rei muito topete, mas também, por baixo dele, uma boa dose de lucidez, determinação e competência.

Há, sem dúvida, melhores histórias de Natal do que esta. Há, por exemplo, um conto de Machado de Assis (*Missa do Galo?*) em que ele descreve, como só ele sabia fazer, a beleza dos braços de uma austera senhora que gostava de usar, em casa, vestidos sem mangas. Seria o velho Machado feticista? Se era (e quem não é, um pouco?), mil vezes seu feticismo do que esse erotismo impudico, madônico, saudavelmente grosseiro e vulgar, de agora...